

## ANÁLISE DE CONTEÚDO EM PESQUISAS DE LETRAS: UM CAMINHO POSSÍVEL\*

Nilo Marinho PEREIRA JUNIOR<sup>√</sup>  
Lúcia Maria de ASSIS<sup>√√</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivos descrever como a Análise de Conteúdo (AC) pode ser utilizada na metodologia de pesquisa como ferramenta de análise de dados; verificar a frequência e a adequação do uso dessa ferramenta nos trabalhos (dissertações e teses) vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL/UFNT e como esta técnica é utilizada no desenvolvimento de pesquisas qualitativas. Metodologicamente, para esta pesquisa de caráter qualitativo e cunho descritivo, foram selecionadas teses e dissertações apresentadas ao PPGL, disponíveis no repositório da UFT e analisadas a partir da AC, seguindo principalmente as diretrizes estabelecidas por Bardin. O referencial teórico, que faz uma incursão pelo uso da pesquisa qualitativa nas pesquisas na área de Letras e pela história e utilização da AC como ferramenta metodológica neste tipo de pesquisa, foi construído, principalmente, a partir de Minayo (2012), Flick (2009), Lüdke e André (1986), Bodgan e Biklen (1994), Martins (2004), Bardin (2011) e Camara (2013). Ao final do trabalho podemos observar que, apesar da AC ser uma metodologia importante para o desenvolvimento de pesquisas também na área de Letras, ainda é pouco utilizada pelos pós-graduandos do PPGL, carecendo, portanto, de maior visibilidade dentro do referido programa.

**Palavras-chave:** Análise de Conteúdo. Análise de Dados. Pesquisa em Letras. Pesquisa Qualitativa.

### 1 INTRODUÇÃO

As pesquisas acadêmicas têm cada vez mais acompanhado o desenvolvimento e contribuído de forma significativa para a sociedade. Por meio delas, a ciência tem se fortalecido e novos rumos do desenvolvimento humano têm

\* Artigo recebido em 20/11/2022 e aprovado em 16/12/2022.

<sup>√</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Bibliotecário Documentalista na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: nilogou@gmail.com

<sup>√√</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada na Universidade Federal Fluminense e Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras (Ensino de Língua e Literatura) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: luciaassis@id.uff.br

surgido. No caso do ensino, o rumo também seguiu o caminho do desenvolvimento e as pesquisas, de forma particular as qualitativas, aprimoraram-se para entrar no campo do ensino, buscando novos conhecimentos, novas práticas e novos direcionamentos que proporcionem ao professor, ao aluno e a toda a comunidade acadêmica um melhor desempenho educacional.

Desta forma este trabalho, que nasce da disciplina de metodologia da Pesquisa em Linguagem do Programa de Pós Graduação em Letras – PPGL da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, se propõe a descrever como a Análise de Conteúdo (AC) pode ser utilizada na metodologia de pesquisa como ferramenta de análise de dados; verificar a frequência e a adequação do uso dessa ferramenta nos trabalhos (dissertações e teses) vinculados ao PPGL/UFNT e como esta técnica é utilizada no processo de desenvolvimento das pesquisas. Ressaltamos que a relevância da pesquisa está em contribuir para o desenvolvimento metodológico de outras pesquisas, tendo como ferramenta a AC no processo de análise de dados mais subjetivos. É nesse sentido que, de uma forma geral, este trabalho se propõe a oferecer uma reflexão sobre a possibilidade de utilização de uma ferramenta importante para a análise de dados em pesquisas voltadas para o ensino.

Em relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo, fundamentada nos principais autores que discutem a metodologia de Análise de Conteúdos. Os dados a serem analisados foram coletados em dissertações e teses apresentadas ao PPGL e disponíveis no Repositório Institucional da UFT – RiUFT. A análise desses dados foi realizada a partir da AC, seguindo as três etapas propostas por Bardin.

Para constituição do corpus, foram levantados os trabalhos defendidos no PPGL (dissertações e teses) que, se referem à presença de AC na metodologia como forma de análise de dados. Por meio deste levantamento foi possível observar a pouca utilização da AC nas pesquisas realizadas na área de Letras, pelo menos no programa analisado. Além disso, também se verificou que alguns trabalhos que dizem lançar mão da Análise de Conteúdo, na verdade, não o fazem, talvez por falta de conhecimento adequado da metodologia em questão.

## 2 A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA QUALITATIVA

Quando pensamos em pesquisa, uma das primeiras preocupações é o caminho metodológico que será seguido, o tipo de pesquisa que será realizada, as ferramentas para levantamento e análise de dados e a apresentação dos resultados. Assim, fica claro que, para uma boa pesquisa, bem mais que saber aonde se quer chegar, é saber como chegar!

Neste trabalho nos deteremos na pesquisa qualitativa e sua utilização em pesquisas realizadas na área de Letras e, para isso, é importante que melhor compreendamos o que é esse tipo de pesquisa e por que ela é indicada para essa área de conhecimento.

De acordo com Minayo (2012, p. 623), na pesquisa qualitativa, a compreensão é a ação principal do pesquisador, definida pela autora como a “[...] capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento.”. A pesquisa qualitativa volta-se para a interação entre o pesquisador e o ambiente em que vive, sendo observada suas relações sociais, seus comportamentos e, a partir disso, são feitas interpretações e análises de como essas interações significam para a pesquisa.

Mesmo com a pesquisa sendo desenvolvida bem antes nas diversas áreas de conhecimento, em determinado momento da história surge a necessidade de criar métodos de pesquisas que atendessem especificamente à área educacional, pois, atentou-se para a necessidade de um olhar mais determinado no processo educacional que possui suas peculiaridades. Lüdke e André (1986, p. 7) afirmam que essa necessidade se dá a partir da “curiosidade investigativa despertada por problemas revelados pela prática educacional”. Sendo assim, o que interessa para esse tipo de pesquisa é a convivência entre professores e alunos em seu contexto educacional, pois é isso que permitirá, a partir de observações e estudos, que se criem soluções para problemáticas neste contexto. (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Diferente do que os pesquisadores já estavam acostumados, na pesquisa qualitativa relacionada ao ensino, algumas alterações ou adaptações de métodos

foram necessárias para tornar a pesquisa mais eficaz. Lüdke e André (1986) confirmam esse pensamento quando ressaltam que os instrumentos utilizados devem ser diferentes dos convencionais, seguindo direcionamentos que permitam uma maior observação do que será pesquisado, seja o aluno, o professor ou mesmo a escola.

De acordo com Bodgan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa em ensino é mais flexível, proporcionando ao pesquisador a possibilidade de abordar seu informante de maneira que ele se sinta à vontade para oferecer as informações que serão transformadas em dados para a pesquisa. É importante ressaltar que, muitas vezes, essa informação pode estar relacionada à aula ou a outras ações do professor, o que requer um pouco mais de jeito, tanto para não interferir no trabalho do pesquisado, quanto para que não sejam feitos julgamentos que interfiram na pesquisa.

Assim, o investigador tem papel fundamental nesse processo de busca pelos dados, pois ele é o principal mediador entre pesquisado e o dado que será gerado.

Na investigação qualitativa não se recorre ao uso de questionários. Ainda que se possa, ocasionalmente, recorrer a grelhas de entrevista pouco estruturadas, é mais típico que a pessoa do próprio investigador seja o único instrumento, tentando levar os sujeitos a expressar livremente suas opiniões sobre determinados assuntos. Dado o detalhe pretendido, os estudos são conduzidos com pequenas amostras. Nalguns estudos o investigador limita-se a traçar uma caracterização minuciosa de um único sujeito. Nestes casos, em que o objetivo é o de captar a interpretação que determinada pessoa faz da sua própria vida, o estudo designa-se por história de vida. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

Cabe ressaltar, ainda com base na citação anterior, que o sujeito é importante na pesquisa qualitativa no ensino, assim como o que ele vive e o que relata fazem diferença e significam no processo educacional. Ter o sujeito educacional como objeto de pesquisa requer dar atenção e fazer uma imersão no que ele tem a oferecer, seja com suas palavras ou com suas vivências. Flick (2009, p. 25), colabora com esse pensamento quando fala sobre a relevância da “subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados”, afirmando que ambos fazem parte desse caminho de pesquisa, assumindo papel importante para gerar os dados para interpretação. Isso reforça a ideia de que, diferente da pesquisa

quantitativa, em que os dados são quantificados, na pesquisa qualitativa o pesquisador tem que estar atento não só às respostas, mas também ao comportamento do investigado, ou seja, é necessário ter um olhar subjetivo focado no que deseja encontrar a partir do objetivo de sua pesquisa.

Flick (2009) ainda chama atenção para o fato de observações, registros e anotações do pesquisador, a partir de sua vivência com os indivíduos pesquisados, também gerarem dados a serem refletidos e analisados. Em outras palavras, na pesquisa qualitativa no ensino, tudo pode ser visto como fonte de informação. Nesse tipo de pesquisa, o investigador sai do laboratório e vai ao encontro de seu objeto de pesquisa, dedicando tempo e esforço para entender o problema levantado. Desta forma o contexto em que os pesquisados se encontram interessa muito, pois, quando se observa o indivíduo no seu contexto, é mais fácil entender sua realidade e as situações pelas quais ele passa. Além disso, essa observação/compreensão demonstra a preocupação do investigador com o pesquisado e a oportunidade de experimentar um pouco de sua vivência. Bogdan e Biklen, assim se colocam sobre a importância desse contato:

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. Quando os dados em causa são produzidos por sujeitos, como no caso de registros oficiais, os investigadores querem saber como e em que circunstâncias é que eles foram elaborados[...] (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

No contexto educacional, o investigador volta-se para a escola e para outros locais de interação educacionais que influenciam no dia a dia da comunidade escolar<sup>1</sup>. Em algumas situações, até a família dos alunos pode ser considerada como parte do objeto de pesquisa, haja vista que a maneira como ela se relaciona com a escola influenciar diretamente o processo educacional.

Após o estabelecimento de contato com o pesquisado e o que com ele se relaciona, é necessário dar destaque para uma etapa que caracteriza a pesquisa

---

<sup>1</sup> Entenda comunidade escolar composta por alunos e seus familiares, professores e corpo técnico.

qualitativa como descritiva, fase em que, conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 48), são gerados dados “em forma de palavras ou imagens e não de números”, ressaltando que os resultados devem ser as experiências e não os experimentos.

Neste momento da pesquisa, todo material levantado, todas as anotações e observações registradas deverão ser analisados cuidadosamente buscando o melhor que possam oferecer para atender os objetivos da pesquisa. Por isso, é muito importante ter ferramentas metodológicas adequadas, pois a análise desses materiais levantados, vai além de dados estatísticos. São, na verdade, dados subjetivos passíveis de interpretação.

Sobre a interpretação na pesquisa qualitativa, Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 110) ressaltam que ela tem um “lugar especial”, em que serão confrontados “[...] teoria fundante, objetivos, hipóteses e achados da pesquisa[...]. Não basta levantar dados; é importante a interpretação que deve estar ligada aos principais direcionamentos da pesquisa. Somente assim será alcançada a consistência nos resultados.

Em relação à investigação no âmbito educacional, é fato que a pesquisa qualitativa tem rendido vários frutos, sendo mais indicada quando o objeto a ser analisado são as interações e realidades escolares. Para Bogdan e Biklen (1994), este tipo de pesquisa tem dado bons resultados permitindo que sejam gerados novos conhecimentos e possibilidades de estudo e trabalho.

Tão importante quanto o por que fazer uma pesquisa ou para que fazer, é o como fazer, pois, é o caminho que dará concretude e veracidade para a pesquisa. Faz parte desse caminho estabelecer todos os passos que serão realizados, tomando como base o problema, a temática e os objetivos que deverão ser alcançados.

De forma geral, uma pesquisa científica precisa seguir cinco etapas principais durante seu desenvolvimento, de acordo com Marconi e Lakatos (2002): Coleta de dados, Elaboração dos dados, Análise e interpretação dos dados, Representação dos dados E, finalmente, Conclusões. Para cada uma dessas etapas é necessário um esforço diferente do pesquisador, sendo que o conjunto dessas etapas resulta em um trabalho adequado de pesquisa.

Entre essas etapas, conforme defende Martins (2004, p. 292), a etapa de análise e interpretação dos dados pode ser considerada a de maior dificuldade, pois é necessário conseguir tirar desses dados significados que correspondam ao que se procura conhecer na pesquisa. Assim, é importante que o pesquisador pense bem em como irá tratar os dados que serão colhidos, seja por meio documental ou mesmo por pesquisa em campo. Uma pequena falha nessa coleta pode comprometer todos os resultados a serem obtidos.

Ainda sobre o processo de análise de dados, Campos e Turato (2009, s.p.), ressaltam que a escolha de ferramentas para essas análises é fundamental, pois “após a coleta das informações, são necessárias leituras e discussões interpretativas criativas.”. Percebemos, então, que, se essa etapa de leitura e interpretação não seguir um padrão estabelecido por um método, certamente o pesquisador encontrará mais dificuldade em encontrar respostas que lhe interessem.

É olhando para a importância dos instrumentos de análise de dados, que abordaremos a Análise de Conteúdo, uma ferramenta metodológica muito utilizada no processo de análise e interpretação na pesquisa de base qualitativa.

### **3 ANÁLISE DE CONTEÚDO: UM POUCO DA HISTÓRIA E SUA APLICABILIDADE**

De acordo com Bardin (2011), os estudos voltados para o texto já eram realizados bem antes da AC, por meio da hermenêutica, que tinha os textos sagrados como interesse de pesquisa, dos quais se buscava interpretar o que estava escondido ou mensagens com duplo sentido, que precisavam de um olhar mais atento. Além da hermenêutica, Bardin (2011) cita a retórica e a lógica como interessadas na interpretação de textos da época.

O início da imprensa é um marco do surgimento da AC, pois é nesse período que são analisados os materiais jornalísticos e medidos os graus de “sensacionalismo” presentes nos textos, com os trabalhos de H. Lasswell, segundo Bardin (2011). Nesse início, a AC tem um viés político de investigação, tentando voltar-se para a descoberta de propagandas supostamente subversivas (CAMPOS;



TURATO, 2009). Essas análises tomam corpo também em decorrência das duas Guerras Mundiais, quando se utiliza da AC para analisar as propagandas que poderiam trazer, veladamente, informações importantes (BARDIN, 2011).

Apesar de ser antiga e ter seu desenvolvimento de forma gradativa na história, é apenas em 1977, que a AC passa a ser estruturada nos moldes em que se apresenta agora, o que se deve à já amplamente citada aqui, Laurence Bardin, autora do livro *Analyse de contenu*, mundialmente conhecido e no qual são apresentadas as características e orientações que passarão a ser até atualmente utilizadas pelos investigadores que adotam a AC (CAMARA, 2013).

Com o avanço da humanidade e com o desenvolvimento tecnológico, assim como tudo na sociedade, a AC também evoluiu, saindo de esquemas feitos manualmente em papéis, para aqueles elaborados em computadores, com o auxílio software, primeiramente básicos, como Word e Excel e, em seguida, com programas e/ou aplicativos desenvolvidos explicitamente para este fim.

### 3.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO UMA FERRAMENTA DE PESQUISA

Apoiados em Caregnato e Mutti (2006, p. 82), temos que a AC tem o texto como “[...] um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem”. Por meio da análise desses textos, levantados especificamente para atender a pesquisa em questão, são geradas inferências que podem ser utilizadas na interpretação que gerara o resultado da pesquisa.

Para Bauer (2008, p. 190), a AC pode ser definida como “[...] um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas.”. Desta forma podemos dizer que ela é uma ferramenta que busca no texto respostas para sustentar problemas científicos, contribuindo com a ciência. É no texto que, por meio da AC, o investigador irá buscar suas respostas.

Vale ressaltar que a AC, por permitir um olhar profundo voltado para a subjetividade, “[...] desempenha um importante papel nas investigações no campo das pesquisas sociais[...]” (CARDOSO; OLIVEIRA E GHELLI, 2021, p. 100). Neste



contexto, o pesquisador olha o objeto e faz sua interpretação sobre aquilo que observa, baseando-se em ações, comportamentos e na própria realidade, bem diferente do que ocorre nas análises quantitativas, que se prendem aos dados numéricos e estatísticos. Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 100) ainda defendem que, apesar da subjetividade, que pode parecer frágil no olhar científico, a AC tem sustentabilidade, “[...] já que tem status de metodologia, com princípios e regras bastante sistematizadas.”.

Rossi, Selvarro e João (2014, p. 41) confirmam esse pensamento, ao definir conteúdo como “o que está contido”, permitindo assim, a interpretação de que a análise de conteúdo pode ser definida como a análise do que está “contido na mensagem”, interpretando aquilo que foi produzido pelo pesquisado. Portanto, o trabalho do analista na AC se confunde, segundo Bardin (2011, p. 39), com o de um “arqueólogo” que trabalha com vestígios em busca de inferências que sustentem sua pesquisa. Ainda em busca de uma definição, podemos dizer que a AC é uma técnica de observação, como afirma Rossi, Selvarro e João:

um método de observação no sentido de, em vez de solicitar às pessoas que respondam perguntas, obtém as comunicações que as pessoas produziram e faz perguntas sobre a comunicação. É, desta feita, um método discreto ou não reativo, isto é, é um método que não interage com os pesquisados e, assim, elimina possíveis vieses. (ROSSI; SELVARRO; JOÃO, 2014, p. 41)

Conforme dizem os autores, na AC o pesquisador não precisa ter um contato direto com o pesquisado no momento da análise, basta analisar o material produzido por ele, independente da maneira como isso tenha ocorrido. O fato de não haver interação entre os agentes da pesquisa faz com que não existam interferências nas respostas ou manifestações do pesquisado, o que traz à pesquisa um maior grau de confiabilidade e neutralidade. Por meio da AC o pesquisador consegue se debruçar em uma quantidade grande de textos e fazer com que sejam tratados de forma mais ágil, produzindo mais resultados para a pesquisa (BAUER, 2008). Ressaltamos que o material utilizado para essa análise tradicionalmente são textos escritos que, segundo Bauer (2008, p. 195), “[...] já foram usados para algum propósito. Todos esses textos, contudo, podem ser manipulados para fornecer respostas às perguntas

do pesquisador.”. Assim, entendemos que o texto usado pela AC (questionários, entrevistas, registros de observações, artigos de jornal, cartas, entre outros) embora também possa ser empregado para diversos fins, é capaz de trazer algo de importante para o pesquisador.

Ressalta-se, no entanto, que, para que esses materiais gerem resultados importantes e validos, é necessário, conforme diz Sampaio (2021, p. 31), que exista uma [...]adequação epistemológica entre os propósitos da pesquisa e os instrumentos utilizados para identificar o fenômeno sob investigação.”. Assim, além de termos o material de pesquisa, é fundamental que estejam bem delimitados os objetivos da pesquisa e o que será utilizado para poder chegar até eles.

Na área educacional, é muito comum termos como material de análise, anotações e registros dos professores e materiais específicos da escola, como planos de aula, planos curriculares e demais documentos, sem contar com os questionários e entrevistas realizados pelos investigadores.

É neste contexto que a AC lança mão das inferências, definidas por Bardin (2011, p. 38) como “intenção da análise de conteúdo”. É por meio das inferências que o pesquisador buscará afirmar conhecimentos e/ou conclusões que sustentarão sua pesquisa. Para Campos e Turato (2009), produzir inferência está relacionado à produção de novos conhecimentos até então velados, que serão revelados por meio da ajuda de outros referenciais teóricos já existentes. Assim, podemos entender que, ao optar pela Análise de Conteúdo, o pesquisador precisará realizar uma ancoragem em uma ou mais teorias que servirão de base para sua aplicação.

### 3.2 ETAPAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Como já foi falado neste trabalho, a AC trabalha com análises de textos buscando inferências que contribuam para a sustentação da pesquisa que esteja sendo realizada. Bardin (2011) diz que, para chegar nessas inferências, são utilizados índices ou indicadores previamente estabelecidos pelo pesquisador. Esses indicadores servirão para que o analista formule categorias e, a partir delas, faça a análise, que pode ser, principalmente, do tipo temática ou frequencial. De acordo

com Bardin (2011, p. 49), a análise frequencial é “[...]o método mais fácil, mais conhecido e mais útil numa primeira fase de abordagem da maioria dos materiais”.

Para que a AC seja colocada em prática, Bardin (2011) apresenta três grandes fases, organizadas em uma ordem cronológica: 1) **pré-análise**; 2) **exploração do material**; 3) **tratamento do resultado, inferência e interpretação**.

A **pré-análise** é o momento em que o analista se dedica à organização, quando se prepara para iniciar a análise, verificando materiais e procedimentos que serão utilizados. Esta fase possui três missões, de acordo com Bardin (2011, p 95): “[...]a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos (*sic*) e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.”. É importante dar destaque para a última missão, pois muitos analistas se perdem na interpretação final, por não terem montado de forma adequada os indicadores que os ajudaram no processo final. O processo de escolha dos documentos a serem analisados é muito importante e deve seguir algumas regras que contribuirão para que essa ação seja mais eficaz. Sobre ele, assim diz Câmara:

[...] é preciso obedecer às regras de *exaustividade* (deve-se esgotar a totalidade da comunicação, não omitir nada); *representatividade* (a amostra deve representar o universo); *homogeneidade* (os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem obtidos por técnicas iguais e colhidos por indivíduos semelhantes); *pertinência* (os documentos precisam adaptar-se ao conteúdo e objetivo da pesquisa) e *exclusividade* (um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria). (CAMARA, 2013, p. 183)

Seguir essas regras possibilita um trabalho mais eficaz e posteriormente mais confiável, sem contar que facilitará o tratamento do pesquisador. Com o material separado, deve ser feita uma leitura flutuante, quando o analista se aproxima do texto de maneira mais despreziosa e livre de qualquer influência. Em seguida, o pesquisador deve separar os temas ou indicadores que são apresentados com mais frequência (CAMARA, 2013).

Na fase de **exploração de material** são formulados os direcionamentos de como os dados serão tratados. De acordo com Bardin (2011, p. 101), se a primeira fase for bem feita, esse momento pode ser apenas uma “organização sistemática das decisões tomadas”. Nesta fase, deve ser feita a **codificação**, ou seja, os dados

selecionados na **pré-análise** serão transformados em índices ou unidades que permitirão a significação do conteúdo analisado. Para Santos, Costa e Silva,

Para a exploração dos materiais, faz-se necessária a organização da codificação, instância na qual é realizado o recorte, a enunciação e a classificação dos materiais. O recorte responde às escolhas das unidades, que se subdividem em: 1) unidades de registro (palavras, temas, objetos, personagens, acontecimentos ou documentos) e unidades de contexto (ideias). (SANTOS; COSTA E SILVA, 2019, p. 235)

Durante a exploração, são feitas as descrições de cada categoria e suas organizações, colocando cada unidade em uma determinada categoria com suas devidas especificações, as quais servirão para a próxima fase de interpretação. É importante ressaltar que essa fase segue o objetivo e o problema da pesquisa, por isso, os temas e categorias devem ser organizadas com o intuito de atender a essas premissas.

Na terceira e última fase, ocorre **o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação**. Os dados categorizados, agora, servirão para estabelecer inferências que confirmam ou não as hipóteses levantadas pelo pesquisador. Também podem surgir novas descobertas que não foram pensadas no início da pesquisa (BARDIN, 2011).

É nesse momento que os dados que foram codificados e categorizados poderão dar validade para a pesquisa realizada pelo analista. Conforme diz Bardin (2011, p. 101), essa fase permite que os dados se tornem **significativos** e sustentem o que foi proposto como problema e objetivo da pesquisa. No entanto, o inverso também pode ocorrer, uma vez que as respostas podem levar ao contrário do que se esperava.

De forma geral, a AC é uma ferramenta muito significativa para a pesquisa, principalmente quando respeitados os passos propostos para sua execução. No caso de pesquisas na área de Ensino de Letras, essa ferramenta também pode ser utilizada com muita eficácia.

#### 4 PESQUISAS EM ENSINO NA ÁREA DE LETRAS: O CASO DO PPGL/UFNT

Os programas de pós-graduação *stricto sensu* têm proporcionado para a sociedade, além de vários profissionais qualificados, diversos conhecimentos por meio de pesquisas importantes em diferentes áreas do conhecimento.

Nos cursos de licenciaturas (como matemática, letras, ciências etc.), o saber ensinar é uma preocupação fundamental, haja vista o compromisso de formar profissionais que irão trabalhar com a educação de outros indivíduos. Quando direcionamos o foco para as pós-graduações vinculadas ao ensino, temos uma preocupação com a forma de ensinar, mas de uma maneira mais ampla, pois, além de se preocupar com **como se ensina**, há também uma preocupação com outras interações que acontecem no ensino. Nesse caso, professores, alunos e demais participantes do contexto escolar tornam-se **objetos** de pesquisa.

Neste contexto, temos o PPGL/ UFNT<sup>2</sup>, programa de pós-graduação criado no ano de 2010, que atualmente oferece formação em nível de Mestrado e Doutorado Acadêmicos em Ensino de Língua e Literatura, do qual inúmeros egressos já se capacitaram. Este programa, por estar vinculado diretamente à área de Letras, tem sua essência no ensino, o que consolida as pesquisas nele desenvolvidas como voltadas para o ensino e a formação de professores de língua e literatura. Desta forma, as produções resultantes das atividades científicas desenvolvidas por alunos e professores têm o interesse de contribuir para o desenvolvimento do ensino de forma geral.

Para conhecer um pouco da produção dos egressos do PPGL, utilizamos como fonte de pesquisa o RiUFT – Repositório Institucional da UFT, sistema criado em 2011, responsável por armazenar as produções da comunidade acadêmica em geral, seguindo as normas adequadas.

Atualmente podemos encontrar no RiUFT um quantitativo de 83 trabalhos do PPGL, sendo 21 (vinte e uma) teses e 62 (sessenta e duas) dissertações, todas coletadas entre os anos de 2011 e 2021. Ressaltamos que podem existir

---

<sup>2</sup> É importante ressaltar que até o ano de 2020 o PPGL pertencia à UFT, mas com o processo de divisão e criação de uma nova universidade o programa passou a fazer parte da UFNT.

alguns trabalhos que foram defendidos no programa, mas que, em virtude de algum problema relacionado a normativa ou mesmo a intercorrências da pandemia, ainda não se encontram inseridos no repositório.

É importante dizer que todos os trabalhos defendidos no programa significam um avanço para a sociedade, pois trazem conhecimentos novos que podem contribuir para o desenvolvimento educacional na área em que as pesquisas se concentram, ou seja, letras. Como podemos observar no quadro 1, que apresenta alguns excertos dos objetivos dos trabalhos selecionados, todos buscam oferecer alguma contribuição no fazer educacional.

**Quadro 1 - Relação de Teses e Dissertações e Objetivos da pesquisa**

Título	Objetivo da pesquisa
PEDRONI, Vinícius Hidalgo. Contribuições do ensino de libras nos cursos de licenciatura.2021.106f.	investigar qualitativamente as contribuições do ensino obrigatório de Língua de Sinais Brasileira.
CAVALCANTE, Francisca Martim. Proposta de um vocabulário bilingue Krahô-Português do campo lexical fauna.2018. 121f.	a elaboração de um vocabulário Krahô-Português do campo lexical fauna, consistindo em contribuir para o uso do vocabulário como instrumento de preservação da língua
PEIXOTO, Elza Rodrigues Barbosa. Criatividade e letramento escolar: um estudo de caso à luz do pensamento complexo.2019. 256f.	analisar as práticas pedagógicas [...]sob o olhar da criatividade e do pensamento complexo.
SILVA, Denyse Mota da. Práticas de letramento em língua portuguesa: perspectivas de criatividade no ensino fundamental.2017. 289f.	avaliar se a prática pedagógica de uma professora de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental apresenta indícios de criatividade,
SILVA, Rosélia Sousa. Gramática, normatividade e ensino de Língua Portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental: processos linguísticos de des(re)territorialização e a necessidade do devir.2019. 118f.	obtermos afetos no ensino da normatividade na disciplina de Língua Portuguesa nos anos iniciais
SOUSA, Ricardo Ferreira de. A compreensão leitora na voz do(a) professor(a) e suas complexidades para o ensino de língua portuguesa.2021.139f.	compreender quais são as concepções de leitura e de leitor e os enredamentos para a formação de leitores trazida pelos professores de Língua Portuguesa
NUNES, Kayla Pachêco. Contribuições da semiótica para práticas de leitura em tempos de fake news: uma proposta de atividades para o ensino fundamental. 2021.151f.	definir estratégias didáticas para a leitura de textos de diferentes gêneros, veiculados no suporte digital,
CARNEIRO, Felipe Gonçalves. Efeitos do (in)dizível dos textos imagéticos em livros didáticos de Espanhol.2020.	problematizar e analisar o modo de operacionalização dos textos imagéticos em livros didático de espanhol do PNLD de 2018, triênio de

186f.	2018-2020.
DROPA, Romualdo Flávio. Dizeres discentes nos cursos de Direito: discursividade arquetípica, sexista, heteronormativa e homofóbica em cena.2018. 396f.	é investigar a possível presença, ou não, de uma discursividade arquetípica de características sexistas, heteronormativas e homofóbicas nos dizeres dos discentes dos cursos de Direito

Fonte: Autores

Como já dissemos, as pesquisas na área educacional seguem uma dinâmica diferente, buscando uma interação maior com o sistema educacional com o objetivo de entender e propor melhorias no ensino a partir das observações, análises e vivências em escolas, com professores e alunos. Essa dinâmica díspar remete à utilização de diferentes ferramentas de pesquisa, como é o caso do uso da AC nas análises de dados, conforme será apresentado a seguir.

## 5 UTILIZAÇÃO DA AC NAS PESQUISAS DO PPGL/UNT

De acordo com Lüdke e André (1986), as ferramentas metodológicas utilizadas em pesquisas qualitativas de ensino devem ter um diferencial voltado para este tipo de objeto. Nelas, o pesquisador precisa estar mais aberto para entender e conseguir colher resultados para sua investigação. Vale lembrar que neste tipo de pesquisa é importante estar atento para a subjetividade do pesquisado, prestando atenção não apenas em suas respostas, mas também em suas atitudes.

Sendo a AC uma ferramenta de análise de dados que tem seu foco na mensagem que é emitida pelo pesquisado por meio do texto (BARDIN, 2011), podemos considerá-la como uma opção para ser utilizada em pesquisas voltadas para o ensino. Silva, Oliveira e Brito (2021, p. 63), concordam que a AC é uma ferramenta adequada na pesquisa educacional ao afirmarem que ela, “[...] por apresentar subsídios para a sistematização de propriedades qualitativas, permite uma boa associação do método com a questões educativas que precisam ser investigadas.”

Em pesquisas no ensino, esses materiais podem ser, os textos que surgem no contato do pesquisador com seu objeto, sejam questionários físicos ou virtuais, anotações e registros de observações, planos de aulas, planos curriculares e demais



documentos, inéditos ou já utilizados para outras informações (BAUER, 2008), os quais podem ser analisados de forma subjetiva. Desta forma, conforme apresentam os autores Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 104), o *corpus* para análise com base na AC pode ser formado por **dados primários**, que são elaborados pelo autor, como transcrições e entrevistas, e por **materiais clássicos**, como jornais, documentos, livros e outros.

O processo de interpretação e inferência que configura a terceira fase da AC, exige uma certa subjetividade do pesquisador, fazendo com que seu olhar seja bem diferenciado ante a realidade descrita nos textos e sua relação com o que se busca alcançar por meio do objetivo e do problema da pesquisa. Sobre essa subjetividade na pesquisa, Sampaio (2021, p. 108) defende a necessidade de “informar o contexto (teórico, conceitual, histórico etc.) que guia a análise”, uma vez que isso dará mais possibilidades de interpretação ao pesquisador.

Para ilustrar a utilização da AC em pesquisas de ensino, foi feita uma busca no Banco de Teses e Dissertações – BDTD do RiUFT, para verificar entre os trabalhos vinculados ao PPGL, que diziam utilizar a AC como metodologia de pesquisa e se de fato seguiam as prerrogativas de tal ferramenta.

**Quadro 2 - Relação do tipo de trabalho e como utiliza a AC**

TRABALHO	COMO USA A AC
Dissertação	Descreve as etapas da AC e relaciona com os processos da pesquisa.
Dissertação	Descreve as etapas da AC e relaciona com os processos da pesquisa.
Tese	Fala que usará a AC de acordo com Bardin, mas não descreve as etapas.
Tese	Anuncia que utilizará AC, mas não descreve como.
Dissertação	Anuncia que utilizará AC, mas não descreve como.
Dissertação	O trabalho não utiliza a ac em sua metodologia, apenas a cita em seu texto.
Dissertação	Apresenta uma pesquisa documental e a define como metodologia de Análise de conteúdo, porém não descreve nenhuma das etapas desta ferramenta de pesquisa apresentada por Bardin.
Dissertação	Apresenta uma pesquisa documental e a define como metodologia de Análise de Conteúdo, porém não descreve nenhuma das etapas desta ferramenta de pesquisa apresentada por Bardin.
Tese	O trabalho apenas utiliza o termo AC em uma referência utilizada no texto

Fonte: Autores

No primeiro momento do levantamento foi feita uma busca facetada no repositório, em que se chegou à informação de que entre os 83 (oitenta e três) trabalhos da área de letras, apenas 9 (nove) apresentavam em seu corpo alguma

menção à AC, sendo 6 (seis) dissertações e 3 (três) teses. Ressaltamos que, na busca facetada, apenas a presença do termo procurado já retorna como resultado.

Fica claro que, seja por falta de conhecimento da ferramenta ou por desconhecimento de como utilizar e descrever as etapas que devem ser seguidas na AC, muitos pesquisadores não utilizam essa ferramenta em suas pesquisas.

Entre esses 9 (nove) resultados, apenas 2 (duas) dissertações e 2 (duas) teses de fato utilizam a AC, seguindo cada etapa desse método em sua pesquisa. Podemos, portanto, dizer que existe uma certa confusão na utilização do termo AC por alguns pesquisadores que dizem utilizar a AC, pois, na verdade, empregam outras técnicas de análise.

Um ponto a ser apresentado é o tipo de material recorrentemente utilizado para análise, entre eles questionários, entrevistas com alunos e professores, gravações de aulas, matriz curricular e textos específicos produzidos pelos pesquisadores. Isto mostra que a AC pode ser aplicada nos mais diversos materiais que tenham dados a serem trabalhados.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho permitiu conhecer um pouco mais das pesquisas qualitativas em educação e a necessidade que possuem de ferramentas e direcionamentos voltados para este campo de conhecimento. Isso, graças à necessidade de estar mais atento à relação existente entre os protagonistas da pesquisa. Nota-se que o olhar do pesquisador deve ser mais apurado e, ao mesmo tempo, mais sensível para a investigação que se propõe, pois diferente da quantitativa, a pesquisa qualitativa no ensino exige um importante olhar para as relações e interações que falam sobre o ensino, gerando dados que serão analisados.

É importante citar que, neste trabalho, foram utilizadas algumas diretrizes da AC para analisar os dados levantados nas dissertações e teses do PPGL encontradas no repositório da UFT/UFNT. Primeiro fizemos uma pré-análise, por meio da seleção do material (leitura dos resumos e das palavras-chave em busca do termo Análise de Conteúdo ou de alguma referência a esse tipo de metodologia); em

seguida, passamos para a exploração do material, momento em que verificamos, nos trabalhos selecionados, se realmente havia sido empregada a metodologia de Análise do Conteúdo, conforme indicado principalmente por Bardin, com base em três categorizações: (1) realmente utilizaram a AC na pesquisa; (2) disseram que utilizariam a AC, porém não descreveram os passos e (3) apenas citaram o termo AC no texto ou utilizaram-no para descrever outra forma de análise de dados; por último, fizemos o tratamento do resultado, inferência e interpretação, buscando interpretar por que essa metodologia é pouco empregada na área de Letras.

Foi possível verificar a AC como uma ferramenta para contribuir no processo de análise de dados em pesquisas qualitativas no ensino e, ainda por meio dos levantamentos no repositório da UFT, constatamos que alguns trabalhos já utilizam, mesmo que de forma tímida, esta ferramenta em sua metodologia de pesquisa.

Apesar de poder contribuir com as pesquisas, percebeu-se que a AC ainda é relativamente desconhecida pelos pesquisadores da área de letras, o que se reflete em uma certa confusão na maneira de utilizá-las em determinadas pesquisas. A metodologia pode até ser utilizada; entretanto, algumas vezes isso não é descrito no corpo do trabalho e, outras vezes, as etapas que caracterizam a AC não são seguidas de maneira adequada.

Por fim, é pertinente ressaltar que a AC pode e deve ser utilizada no processo de análise de dados de uma pesquisa, mas, para que isso ocorra, precisa ser mais difundida entre os pesquisadores da área educacional. Por se tratar de uma ferramenta de investigação tão importante, sua maior divulgação nesta área fará com que novos pesquisadores lancem mão dessa metodologia para melhor geração de resultados.

### **CONTENT ANALYSIS IN LETTERS RESEARCH: A POSSIBLE PATH**

This work aims to describe how Content Analysis (CA) can be used in research methodology as a data analysis tool; verify the frequency and appropriateness of using this tool in works (dissertations and theses) linked to the Graduate Program in Letters PPGL/UFNT and how this technique is used in the development of qualitative research. Methodologically, for this qualitative and descriptive research, theses and

dissertations presented to the PPGL, available in the UFT repository and analyzed from the CA, were selected, mainly following the guidelines established by Bardin. The theoretical framework, which makes an incursion into the use of qualitative research in search in the area of letters and the history and use of CA as a methodological tool in this type of research, was built mainly from Minayo (2012), Flick (2009), Lüdke and André (1986), Bogdan and Biklen (1994), Martins (2004), Bardin (2011) and Camara (2013). At the end of the work, we can observe that, although CA is an important methodology for the development of research also in the area of letters, it is still little used by postgraduate students of the PPGL, therefore lacking greater visibility within the referred program.

**Keywords:** Content Analysis. Data Analysis. Search in Letters. Qualitative research.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo Clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: PORTO, 1994.

CAMARA, Rosana H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, v.6, n. 2, jul./dez., 2013, pp.179-191. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 20 ago. 2022.

CAMPOS, Claudinei J. G; TURATO, Egberto R. Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínicoqualitativa: aplicação e perspectivas. **Rev Latino-am Enfermagem**, 2009 mar./abr.; v. 17, n. 2, pp. 259-264. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692009000200019>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, MG, v. 20, n. 43, fev. 2021. Disponível em:

<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 10/12/2022.

CAREGNATO, Rita C. A.; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006 Out-Dez; v. 15, n. 4, pp. 679-84. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFctbZDZHgNP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2022.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa – 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

MARTINS, Heloisa H. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciências Sociais & Coletiva**. 17 (3), 621-626, 2012.

ROSSI, George B.; SERRALVO, Francisco A.; JOÃO, Belmiro do N. Análise de Conteúdo. Remark - **Revista Brasileira de Marketing**. São Paulo, v. 13, n. 4, set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/12049>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021. 155 p.

SANTOS, Andréia Mendes; COSTA, Fábio Soares da; SILVA, Renata Santos da. Análise de Conteúdo da Perspectiva de Bardin: um procedimento organizado. In: LIMA, V. M. DO R.; RAMOS, M. G.; PAULA, M. C. DE (orgs.). **Métodos de Análise em Pesquisa Qualitativa: Releituras Atuais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

SILVA, Brunna Alves da; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; BRITO, Ana Paula Gonçalves. Análise de Conteúdo: uma perspectiva metodológica qualitativa no âmbito da pesquisa em educação. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, MG, v. 20, n. 44, fev. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2353>. Acesso em: 10/12/2022.